

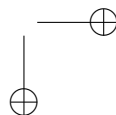
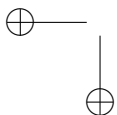
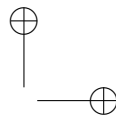
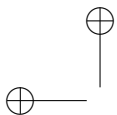
Autenticidade em Heidegger



José António Domingues

2025

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2025

FICHA TÉCNICA

Título: *Autenticidade em Heidegger*

Autor: José António Domingues

Colecção: Artigos LUSOSOFIA

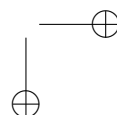
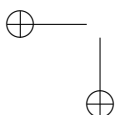
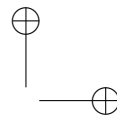
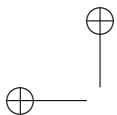
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena Santos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2025

DOI: 10.25768/L-25-001



Autenticidade em Heidegger

José António Domingues*

*O tema da autenticidade na analítica do Dasein [pre-sença] em Ser e Tempo (1927) relacionada à oposição dialéctica com o modo de ser-no-mundo inautêntico.*¹

Na apresentação do tema da analítica do Dasein em *Ser e Tempo*, Heidegger diz: “O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O ser deste ente é sempre e cada vez *meu*. (ST, § 9, p. 41)”²

Somos nós mesmos o problema da analítica do Dasein. É o que a analítica descobre como coisa a entender, como este ser (*Seinden*) – ente, o Da-sein, o aí-ser, fenómeno existenciário, ser-no-mundo - se comporta com o seu ser. “O ser deste ente é sempre e a cada vez *meu*” – significa que o ser está sempre em relação transitiva com este ente e em relação permanentemente activa. Na ideia do ser existenciário encontra-se implícita a ideia do ser essência.

“A “essência” deste ente está em ter de ser.” (ST, § 9, p. 42)

A existência é, assim, orientada por uma essência.

Mas: “As características constitutivas da pre-sença são sempre modos possíveis de ser e somente isso. (...). Nesse sentido, a pre-sença nunca

*Investigador integrado do PRAXIS. Centro de Filosofia, Política e Cultura da Universidade da Beira Interior.

¹ Notas sobre a estrutura do tema em *Sein und Zeit*, 1927.

² Referências com indicação do § do texto e a paginação da ed. de Niemeyer, Tübingen, 1927 (cf. ed.fr. Gallimard, 1986). Nas citações seguimos a tradução portuguesa da ed. Vozes (Parte I e II, 2005).

poderá ser apreendida ontologicamente como caso ou exemplar de um gênero de entes simplesmente dados.” (ST, § 9, p. 42)

Por isso, desenha-se o Dasein como um modo possível de ser. Do ponto de vista do ente, este modo é uma contribuição para o acontecimento-ser [do ponto de vista do ser, este ente é uma abertura]. Em nenhum modo virtual ou real, possível ou facto, o ser exprime a sua quiddidade. As características (os modos) não são propriedades dos entes, mas possibilidades de existência. É com estas possibilidades que o Dasein está relacionado. Por isso pode escolher as possibilidades de ser e de determinar o seu ser. Não é coisa, objecto, é possibilidade ou potência ou projecto.

“A pre-sença se constitui pelo caráter de ser minha, segundo este ou aquele modo de ser. De alguma maneira, sempre já se decidiu de que modo a pre-sença é sempre minha. O ente, em cujo ser, isto é, sendo, está em jogo o próprio ser, relaciona-se e comporta-se com o seu ser, como a sua possibilidade mais própria. A presença é sempre sua possibilidade. Ela não “tem” a possibilidade apenas como uma propriedade simplesmente dada. E é porque a pre-sença é sempre essencialmente sua possibilidade que ela pode, em seu ser, isto é, sendo, “escolher-se”, ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se ou só ganhar-se “aparentemente”. A pre-sença só pode perder-se ou ainda não se ter ganho porque, segundo seu modo de ser, ela é uma possibilidade própria, ou seja, é chamada a apropriar-se de si mesma.” (ST, § 9, p. 42)

O Dasein pode ser autêntico: pode escolher-se ser e escolher as suas possibilidades, apropriar-se, torná-las suas, através das quais constitui uma existência de autenticidade. Mas pode escolher-se não ser autêntico e não se apropriar das possibilidades.

“Os dois modos de ser *propriedade e impropriedade* – ambos os termos foram escolhidos em seu sentido verbal rigoroso – fundam-se no fato de a pre-sença ser determinada pelo caráter de ser sempre minha. A impropriedade da pre-sença, porém, não diz “ser” menos nem um grau “inferior” de ser. Ao contrário, a impropriedade pode determinar toda a concreção da pre-sença em seus ofícios, estímulos, interesses e prazeres.” (ST, § 9, pp. 42-43)

Propriedade – autenticidade – e impropriedade – inautenticidade – constituem dois modos de ser, duas fundamentais possibilidades de exis-

tência que o Dasein pode escolher ou falhar escolher. O ponto de partida da análise do Dasein é a inautenticidade. Significa desatenção relativamente ao carácter do sempre meu e de não escolher no contexto das possibilidades dadas. O Dasein absorvido ou exaurido pela mundaneidade na esfera das suas ocupações quotidianas do trabalho e do ser com os outros (Mitsein) não é ele próprio, não é autêntico.

“Nessa familiaridade, a pre-sença pode-se perder e ser absorvida pelo ente intramundano que vem ao seu encontro.” (ST, § 16, p. 76)

A descrição do dia-a-dia introduz a concepção de inautenticidade. Como e porquê se dá a falha do ser autêntico? – veremos a concepção da inautenticidade partir da descrição fenomenológica.

“A de-monstração fenomenológica do ser dos entes que se encontram mais próximos se faz pelo fio condutor do ser-no-mundo cotidiano, que também chamamos de modo de lidar [manusear, manuseabilidade, e uso dos instrumentos] no mundo e com o ente intramundano.” (ST, § 15, pp. 66-67)

O Dasein no quotidiano já está sempre nesses modos do uso e manuseio talhados segundo o instrumento, como, por exemplo, o martelar com o martelo: “por exemplo, ao abrir a porta, faço uso do trinco”. (ST, § 15, p. 67)

“Essa interpretação fenomenológica (...) [visa] uma determinação da estrutura de seu ser.” (ST, § 15, p. 67)

Esta exposição fenomenológica visa determinar a estrutura do ser sendo nesses modos de uso. Trata-se, pois, de expor fenomenologicamente o modo de ser do instrumento, ou seja, da instrumentalidade no quotidiano, de determinar a estrutura do ente como totalmente outro, perdido na instrumentalidade do quotidiano.

No § 25 questiona-se: “quem é sempre este ente (a pre-sença) (...) que sempre eu mesmo sou” (?) (ST, § 25, p. 114)

Para essa determinação do eu (self) são postas de lado duas interpretações, a da constituição ontológica do eu: “entende-se o eu “já sempre constantemente vigente (...) Sendo sempre o mesmo possui, nas muitas alterações, o carácter de próprio.” (ST, §25, p. 114); e a da auto-evidência: “sou eu que sempre sou a pre-sença” (ST, § 25, p. 115).

É questionável se estas afirmações reproduzem de forma adequada o eu do Dasein.

“Pode ser que o quem da pre-sença cotidiana *não* seja sempre justamente eu mesmo.” (ST, § 25, p. 115)

O desafio é a análise ser adequada à questão e de lhe permitir abrir um acesso a partir do qual o sujeito irrompa. A análise que foi privilegiada considera que o Dasein é e está no mundo e relaciona-se com o mundo, na maioria das vezes é absorvido pelo mundo – ora, o fenómeno a investigar é determinado pelo modo de ser que se empenha no mundo. Ideia que justifica a alteração na análise: “é primordial manter-se numa de-monstração fenomenal guiada pelo modo de ser do próprio ente (...) deve preservar-se de toda e qualquer distorção de sua problemática”. (ST, § 25, p. 115) Ou seja, da problemática que lhe coloca a existência.

A análise deve focar-se na existência: “o “eu” deve ser interpretado *existencialmente*. (...) enquanto único acesso adequado à sua problemática”. (ST, § 25, p. 117) Por conseguinte, a análise torna a ontologia existenciária e verificável.

“O modo de tratar esta questão é *fenomenológico*.” (ST, § 7, p. 27) Radica-se numa discussão com as coisas em si mesmas, afasta-se do chamado artifício técnico filosófico.

Na concepção da inautenticidade tem importância a categoria do distanciamento, a qual surge na preocupação do Dasein pela autenticidade – de manter a autenticidade na relação com os outros com quem partilha o mundo. O Dasein não é uma mera posição estática, mas, sim, uma instalação de espaços. Para remeter à dinâmica desta instalação forma-se o termo distanciamento na medida em que na existência se descobre a distância dos entes. A existência é deste modo ocupação guiada pela visão circundante.

“Como ser-no-mundo, a pre-sença se mantém essencialmente num distanciar. A pre-sença nunca pode cruzar esse distanciar, (...) A pre-sença não cruza de forma alguma o seu distanciamento e isso a tal ponto que o leva consigo constantemente, pois a pre-sença é essencialmente distanciar, ou seja, é espacial.” (ST, § 23, p. 108) O distanciamento assume a indicação das direcções: “cada destino do pertencer, do encaminhar-se, do ir buscar e levar.” (ST, § 23, p. 108) (cálculo da sua posição na relação com os outros). Donde: “espacialidade essencial da pre-sença, no que respeita à sua constituição fundamental de ser-no-mundo.” (ST, § 24, p. 114) Espacialidade vital para não ser tutelado pelos

outros e orientado por direcções ditadas - “sempre se cuida de uma diferença com os outros. (...) Embora sem o perceber, a convivência é inquietada pelo cuidado em estabelecer esse intervalo.” (ST, § 27, p. 126)

“Não é ela própria que é, os outros lhe tomam o ser. O arbítrio dos outros dispõe sobre as possibilidades cotidianas de ser da pre-sença.” (ST, § 27, p. 126)

Os outros não são nenhuns outros definidos. São qualquer outro. Ainda, o decisivo: “é apenas o domínio dos outros que, sem surpresa, é assumido sem que a pre-sença, enquanto ser-com, disso se dê conta.” (ST, § 27, p. 126)

A discreta influência sobre o Dasein consolida o poder do outro. Cada um é como o outro. A autenticidade do Dasein dissolve-se no modo de ser, o padrão, ditado pelos outros. Nessa influência os outros desaparecem na sua possibilidade de diferença. Desenvolve-se a ditadura do outro nesta falta de diferença e de expressão do outro. O outro, que não é nada definido e que qualquer um pode representá-lo, prescreve o modo de ser da quotidianidade (essencialmente prescreve as possibilidades do quotidiano do Dasein, não apenas lhe dita modos de uso públicos de instrumentos), assim promovendo a medianidade, nivelamento, redução a um senso comum: estilos de prazer, ver, literatura, arte, julgamentos, comportamentos, pensamentos.

“O quem não é este ou aquele, nem o próprio do impessoal, nem alguns e muito menos a soma de todos. O “quem” é o neutro, o impessoal”. (ST, § 27, p. 126) Sem nome e sem rosto, no entanto, uma categoria eficaz no que dá a ver das estruturas de controlo familiares da existência do dia-a-dia.

É o que constitui a publicidade do impessoal.

“Esta rege, já desde sempre, toda e qualquer interpretação da presença e do mundo, tendo razão em tudo. (...) [e] visto ser insensível e contra todas as diferenças de nível e de autenticidade. A publicidade obscurece tudo tomando o que assim se encobre por conhecido e acessível a todos.” (ST, § 27, p. 127)

Maneira de depreciar as capacidades de originalidade do Dasein. “Porque prescreve todo julgamento e decisão, o impessoal retira a responsabilidade de cada presença.” (ST, § 27, p. 127)

Escreve com ironia:

“Na cotidianidade da pre-sença, a maioria das coisas é feita por alguém de quem se deve dizer que não é ninguém.” (ST, § 27, p. 127)

Não precisando ninguém de responsabilizar-se, o impessoal reforça a sua autoridade.

“Todo mundo é outro e ninguém é si próprio. O *impessoal* que responde à pergunta *quem* da pre-sença cotidiana é ninguém, a quem a pre-sença já se entregou na convivência de um com o outro.” (ST, § 27, p. 128)

Por conseguinte, o impessoal que responde à pergunta quem é o si-mesmo da quotidianidade e na quotidianidade o Dasein não é si-mesmo porque é outro. Faz-se uma avaliação negativa do outro impessoal porque indica um carácter de mediocridade, de banalidade do Dasein. É um conceito condenável. Conceito de um modo errado de ser, desviante. Contrasta com a noção de autenticidade. Representa uma falha ontológica no Dasein – mas ele também existe nessa falha. Não constitui em si ameaça de aniquilação do Dasein.

“Ao contrário, neste modo de ser, a pre-sença é um *ens realissimum*, caso se entenda “realidade” como um ser dotado do carácter de pre-sença.” (ST, § 27, p. 128)

Acha-se dispersa [diluída] na impessoalidade – “precisando ainda encontrar a si mesma”. (ST, § 27, p. 129)

“O facto de a pre-sença estar familiarizada consigo enquanto o próprio impessoal, significa, igualmente, que o impessoal prelineia a primeira interpretação do mundo e do ser-no-mundo.” existe como inautêntico, igualmente, que o impessoal é a primeira interpretação do mundo e do ser-no-mundo.” (ST, § 27, p. 129)

Significa que o Dasein existe como inautêntico, igualmente, que o impessoal é a primeira interpretação do mundo e do ser-no-mundo. O facto é interpretado em termos de uma hermenêutica de projecto.

“*De início*, a pre-sença, de facto está no mundo comum, descoberto pela medianidade. De início, “eu” não “sou” no sentido do propriamente si mesmo e sim os outros nos moldes do impessoal. É a partir deste e como este que, de início, eu “sou dado” a mim mesmo. De início, a pre-sença é impessoal e, na maior parte das vezes, assim permanece. Quando a pre-sença descobre o mundo e o aproxima de si, quando abre para si mesma seu próprio ser, este descobrimento de “mundo” e esta abertura da

pre-sença se cumprem e realizam como uma eliminação das obstruções, encobrimentos, obscurecimentos, como um romper das deturpações em que a pre-sença se tranca contra si mesma.” (ST, § 27, p. 129)

A hermenêutica é explicitada numa estrutura ontológica – aí desenvolver-se-á um modo de ser originário do Dasein, uma modificação do estado de inautenticidade.

Outra dúvida é saber qual é a natureza das categorias da autenticidade e da inautenticidade, se é avaliativa ou é descritiva.

“Com relação a esses fenômenos [da autenticidade e da inautenticidade], não será supérfluo observar que a interpretação tem um propósito puramente ontológico e se mantém muito distante de qualquer crítica moralizante da pre-sença [e da sua falta à verdade] e de qualquer aspiração a uma “filosofia da cultura”.” [ST, § 34, p. 167]

Propósito “puramente “ontológico” – significa que o objectivo da análise é sem qualquer propósito normativo, logo é neutra ou não avaliativa [é dúbio - não formula o propósito ontológico um propósito avaliativo?], pois a autenticidade é referida como “um ideal” (ST, § 62, p. 310) e será essa a justificação para a modificação do Dasein. A posição é axiologicamente dual, mas articulada dialecticamente: contém crítica e simultaneamente projecta o ideal. É neste quadro que Heidegger se refere às específicas vias da inautenticidade do Dasein.

As condições da sua dispersão no impessoal (*Man-selbst*) e absorção por este são examinadas nos § 35, 36 e 37 e contemplam o “proferido” [que se fala, *ing.* idle talk, *fr.* On-dit], a “curiosidade” e a “ambiguidade”. Desentranha-se nestas a condição da perda [“a de-cadência” (ST, § 38, p. 175)] do eu-mesmo (*al.* Selbst, *ing.* Self) do Dasein na publicidade do impessoal.

O “proferido” é o modo de linguagem do impessoal que se baseia numa incompreensão e interpretação insuficientes dos fenómenos que serve para alienar ou desviar o Dasein das suas possibilidades. O Dasein não tem uma relação directa com os objectos da compreensão – as coisas mesmas. Falta consistência ontológica ao que se fala.

É no dizer do impessoal que o Dasein se encontra tocado e desviado, sem que possa “colocar-se diante da paisagem livre de um “mundo” em si, para apenas contemplar o que lhe vem ao encontro.” (ST, § 35, p. 169)

Perverte o acto de questão e de descoberta, todo o genuíno compreender, interpretar e comunicar.

Na curiosidade “mostra-se numa tendência ontológica para “ver”, própria da cotidianidade”, (ST, § 36, p. 170) exprime-se um tipo peculiar de encontro perceptivo com o mundo: “Denomina-se a experiência dos sentidos de concupiscência dos olhos (...) do esforço de ver, em que os olhos têm a primazia.” (ST, § 36, p. 171) – “tendência de somente perceber”. (ST, § 36, p. 172)

“A curiosidade liberada, porém, ocupa-se em ver, não para compreender o que vê, ou seja, para chegar a ele num ser, mas apenas para ver. Ela busca apenas o novo a fim de, por ele renovada, pular para uma outra novidade. Esse ver não cuida em apreender nem em ser e estar na verdade, através do saber, mas sim das possibilidades de abandonar-se ao mundo [ser dispersão em possibilidades novas]. É por isso que a curiosidade se caracteriza, especificamente, por uma impermanência junto ao que está mais próximo. Por isso também não busca o ócio de uma permanência contemplativa e sim a excitação e inquietação mediante o sempre novo e as mudanças do que vem ao encontro.” (ST, § 36, p. 172)

Via muito distinta do maravilhamento da admiração pelas coisas e o espanto de não entender, a curiosidade é marcada pela visão de superfície. É sem ter de compreender. Estar sem envolvimento (com envolvimento seria o genuíno ver, realmente vivo, possibilidade da autêntica interpretação).

No modo da ambiguidade: “Tudo parece ter sido compreendido, captado e discutido autenticamente quando, no fundo, não foi. Ou então parece que não o foi quando, no fundo, já foi.” (ST, § 37, p. 173)

Exibe-se um movimento de curiosidade, mas que é dirigido pelo que é o proferido corrente. Consolida-se a compreensão do Dasein como um poder-ser e o modo proferido já sabe como vai decorrer. Neste sentido, as possibilidades são suprimidas. É desdenhada a actualização das possibilidades do Dasein – “é o modo mais traiçoeiro em que a ambiguidade propicia à pre-sença possibilidades, a fim de sufocar-lhes a força.” (ST, § 37, p. 173).

Situação indigna: “por si mesma, em seu próprio poder-ser ela própria mais autêntica, a pre-sença já sempre caiu de si mesma e de-caiu no “mundo”.” (ST, § 38, p. 175)

“A pre-sença é e está sempre “presente” de modo ambíguo, ou seja, presente na abertura pública da convivência, onde o falatório mais intenso e a curiosidade mais aguda controlam o “negócio”, onde cotidianamente tudo e, no fundo, nada acontece.” (ST, § 37, p. 174)

As três vias da inautenticidade caracterizam em *Sein und Zeit* a abertura do ser-no-mundo do Dasein. A análise é limitada aos modos de ser do impessoal (*Man-Selbst*) que podem ser modificadas e transformadas. Apesar da avaliação negativa, não condenam o Dasein a uma indefinida decadência. São modos despercebidos de uma intrínseca ligação do Dasein ao modo de ser inautêntico.

A análise em si revela uma possibilidade de descoberta de uma via para a autenticidade – compreensão, envolvimento, relação, comprometimento: a historicidade. Quer dizer, o projecto não pára, muda de direcção de análise.

“Terá o ser-no-mundo uma instância do seu poder-ser ainda mais elevada do que a morte?” (ST, § 63, p. 313) Nesta pergunta está em causa identificar o mais primordial da análise existencial do Dasein. Argumenta no § 72, 376: “no fundo de seu ser é temporal.” E no § 66, 322: “[a estrutura de temporalização da temporalidade] Esta se desentranha como a *historicidade* da pre-sença.”

Dizer que a temporalidade possibilita o ser do Dasein põe em causa a primordialidade de análises prévias. Questiona-se: “Será que não deixamos, continuamente, a pre-sença quieta em certas posições e situações, desconsiderando “de forma consequente” que, vivendo o seu dia-a-dia, a pre-sença se *estende* “temporalmente” na sequência dos seus dias?” (ST, § 71, p. 371)

Pode dizer-se que a análise tem sido inadequada, incompleta e unilateral, por isso requer a análise da historicidade.

“A morte é, no entanto, apenas o fim da “pre-sença” e, em sentido formal, apenas *um* dos fins que abrangem a totalidade da pre-sença. O outro “fim” é o “princípio”, o “nascimento”. Só o ente entre nascimento e morte torna presente o todo que se procura. Desta forma, ficou unilateral a orientação dada até aqui à analítica, apesar de tender para o ser-todo *existente* e de explicar, genuinamente, o ser-para-a-morte próprio e impróprio.” (ST, § 72, p. 373)

A morte não constitui a fonte das possibilidades do autêntico existir.

“As possibilidades de fato abertas na existência não devem, porém, ser retiradas da morte.” (ST, § 74, p. 383)

“Lançada, a pre-sença está, sem dúvida, entregue à responsabilidade de si mesma e de seu poder-ser, mas isto enquanto ser-no-mundo. Lançada, ela está referida a um “mundo” e existe de fato com os outros.” (ST, § 74, p. 383)

Trata-se de um voltar atrás na análise, para o fáctico, o mundo, para junto dos outros (*Mitsein*, ser-com). É a partir de onde são apropriáveis as possibilidades autênticas.

“A decisão em que a pre-sença volta para si mesma abre cada uma das possibilidades fatuais de existir propriamente a partir da herança que ele, enquanto lançada, assume.” (ST, § 74, p. 383)

A herança histórica é o lugar das possibilidades que estão para ser decididas. Claramente, não é a finita subjectividade isolada que providencia a autenticidade. É a história, o social, cultural, não a ontologia. A herança “abriga em si uma *transmissão* de possibilidades legadas, embora não necessariamente *como* legadas”. (ST, § 74, p. 383) O carácter de herança reside em possibilitar uma existência autêntica, sem ambiguidade, sem sedução da compreensão vulgar. Herança legada, mas, igualmente, escolha das possibilidades transmitidas e decisão. Não é simples aceitação, inquestionada, da história.

“Se todo “bem” é uma herança e se o carácter dos “bens” reside em possibilitar uma existência própria, então é na de-cisão que se constitui a transmissão de uma herança.” (ST, § 74, pp. 383-384)

A existência autêntica é constituída por decisão. E a decisão não apenas se caracteriza por escolher possibilidades autênticas herdadas, mas projecta estas possibilidades no futuro.

“Quanto mais propriamente a pre-sença se de-cide, ou seja, se compreende sem ambiguidades a partir de sua possibilidade mais própria e privilegiada na antecipação da morte, tanto mais precisa e não casual será a escolha da possibilidade de sua existência. Somente a antecipação da morte é capaz de eliminar toda possibilidade casual e “provisória”. Somente o ser livre *para* a morte propicia à pre-sença a meta incondicional, colocando a existência em sua finitude. Assim apreendida, a finitude da existência retira a pre-sença da multiplicidade infinda das possibilidades

de bem-estar, simplificar e esquivar-se que de imediato se oferecem, colocando a pre-sença na simplicidade de seu destino.” (ST, § 74, p. 384).

As decisões sobre as possibilidades são determinadas no contexto da estrutura do ser-para-a-morte como finitas e urgentes, activa e criativamente. Mais: se todo o bem é uma herança e as decisões são tomadas no contexto da herança as decisões são independentes das possibilidades do presente e da tendência da sua dominação.

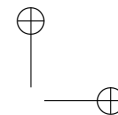
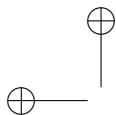
A herança e não a morte é a fonte da autenticidade. A autenticidade em si é cuidado de si e individualidade.

É cuidado de si: “O si-mesmo só pode ser lido existencialmente no poder-ser si-mesmo em sentido próprio, ou seja, na propriedade do ser da pre-sença como cura. A partir dela é que se esclarece a *consistência do si-mesmo* enquanto pretensa permanência do sujeito.” (ST, § 64, p. 322)

É individualidade: “A pre-sença é *propriamente* ela mesma na singularidade originária da de-cisão silenciosa prestes a angustiar-se. No *silêncio*, o ser-si-mesmo em sentido próprio justamente não diz “eu-eu” porque, na silenciosidade, ele “é” o ente-lançado que, como tal, ele propriamente pode ser. O si-mesmo que desentranha a silenciosidade da existência de-cidida é o solo fenomenal originário da questão sobre o ser do “eu”.” (ST, § 64, pp. 322-323)

Em ambos os critérios a autenticidade da transformação do eu está relacionada com a decisão e a unidade e totalidade do eu em termos possibilistas.

Em § 66, 332: “A estrutura ontológica desse ente, que eu mesmo sou centra-se na autoconsistência da existência. Porque o si-mesmo não pode ser concebido nem como substância e nem como sujeito, estando fundado na existência, a análise do si-mesmo impróprio, isto é, do impessoal, foi totalmente abandonada ao fluxo da interpretação preparatória da pre-sença. Tendo-se, agora, retomado *explicitamente* o si-mesmo na estrutura da cura e, assim, da temporalidade, a interpretação temporal da autoconsistência e da *falta de consistência do si-mesmo* recebe uma gravidade própria. Ela necessita de um desenvolvimento temático especial. Contudo, ela não apenas propicia uma segurança correta contra os paralogismos e as questões ontologicamente inadequadas sobre o ser do eu, como também oferece, ao mesmo tempo, e de acordo com sua fun-



ção central, uma visão mais originária da *estrutura de temporalização* da temporalidade.” (ST, § 66, p. 332)

Em resumo: a análise da interpretação temporal da autenticidade revela a estrutura de possibilidade do Dasein. Especifica-se esta estrutura do Dasein por uma articulação de história, autenticidade eu (self). Pode dizer-se eu exibindo continuidade, constância. O homem é o fazedor/criador destas condições para si mesmo. Tem o projecto do ser autêntico – de projectar possibilidades, de as desenhar, ponderar, realizar – e não ser apenas fabricação do impessoal inautêntico porque o Dasein é o comprometimento pelo eu como projecto de ser.

